

Sobre a encruzilhada estético-ideológica do Modernismo e da Vanguarda na Península Ibérica

O caso da revista *Contemporânea*¹

ANTONIO SÁEZ DELGADO

Universidade de Évora

Centro de Estudos Comparatistas | Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

I

O conceito periodológico que conhecemos como Modernismo é provavelmente um dos mais ambíguos e fantasmagóricos – e, ao mesmo tempo, rico e fascinante – que podemos encontrar na historiografia literária. Tomando como marco cronológico aquele que foi proposto por Bradbury e McFarlane², o espaço entre 1890 e 1930 fornece ao historiador da literatura a possibilidade de encontrar um momento em que se torna real a «aceleração histórica» de que fala Octavio Paz em *Los hijos del limo*, com o surgimento transbordante, nas letras europeias, de autores, grupos, movimentos, escolas e gerações que desenham um mapa absolutamente plural e heterogéneo.

O período indicado oferece-nos fundamentalmente a possibilidade de estudar o aparecimento de um outro conceito em permanente mutação, vinculado tantas vezes de forma conflituante com o de Modernismo – refiro-me à Vanguarda, e de analisar os seus diferentes rostos e a sua escala de radicalismos. Mas, ao mesmo tempo, também nos obriga (como categoria periodológica) a observar em paralelo as diferentes forças centrípetas e centrífugas que combateram, sob diferentes bandeiras – estéticas e ideológicas, as hordas mais violentas de Vanguarda. Carlos Reis e António Apolinário Lourenço, no recente volume dedicado ao Modernismo da *História crítica da literatura portuguesa*, concluíram que «a narrativa da história literária não se faz só de continuidades harmoniosas, mas também de trajetos que correm paralelos a tendências aparentemente hegemónicas, com tensões e com ruturas que contrariam tais hegemonias»³. A partir desta perspetiva, o período

¹ Versão revista e atualizada do texto «Sobre la encrucijada ideológico-estética del Modernismo y la Vanguardia en la Península Ibérica: el caso de la revista *Contemporánea*», publicado em: César Rina, org. – *Procesos de nacionalización y identidades en la Península Ibérica*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 2017, p. 363-371.

² Malcolm Bradbury; James McFarlane, ed. – *Modernism (1890-1936)*. 6.ª ed. Harmondsworth: Penguin, 1986.

³ Carlos Reis; António Apolinário Lourenço – *História crítica da literatura portuguesa. O Modernismo*. Lisboa: Verbo, 2015, vol. 8I, p. 371.

modernista é um mosaico estético e ideológico em que as tensões e ruturas geradas contra os grandes ciclos estéticos hegemónicos de fins do século XIX atuam como um campo de produção que se manifesta de forma tão diversa como efetiva, tanto a partir das posições dos vanguardistas mais apaixonados como a partir daqueles que viram na Vanguarda pouco mais do que um fogo-de-artifício, usando os filões de tradições culturais nacionais (o genuíno, o castiço) para se defender contra a onda cosmopolita.

Se entramos no campo das literaturas ibéricas, especialmente na portuguesa e espanhola, deve notar-se que a tensão entre a paixão febril do «Novo» e o ceticismo ou mesmo a rejeição que provocou em muitos autores está na base da dialética modernista. No caso da primeira, é particularmente singular, poderíamos concluir, em grande parte, que a linguagem do Modernismo português tenha o seu embrião no riquíssimo diálogo postal⁴ protagonizado por Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa na primeira metade dos anos 10, quando o primeiro vibrou com as novidades artísticas e literárias de Paris (ou perante a catedral da Sagrada Família em Barcelona) e tenha escrito cartas impregnadas de cosmopolitismo ao seu amigo em Lisboa, que respondia com um ceticismo próprio de quem gerou um heterônimo vanguardista, Álvaro de Campos, que nunca deixou de ter, como o próprio Pessoa escreveu, um poeta grego dentro.

Essa tensão, exemplificada em Sá-Carneiro e Pessoa, origina um debate complexo e riquíssimo nas literaturas portuguesa e espanhola, que tem por base comum a noção clara de existir fora da Europa, com uma barreira quase intransponível representada pelos Pirinéus e que é resumida por Pessoa: «Extra-pertencemos à Europa, somos uma espécie de adjacência civilizada»⁵. Este facto, simbolizado por uma distância espectral entre a Península Ibérica e a Europa, e refletido através de uma nova fórmula dessa mesma tensão, tal como é a exercida entre apoiantes e opositores à abertura das literaturas nacionais ibéricas a ares transpirenaicos, é uma das bases sobre a qual a ideia de modernidade se constrói, também na literatura espanhola, e um assunto a que se tem dedicado com especial empenho Jesús Torrecilla⁶, com princípios teóricos que poderíamos extrapolar para o contexto ibérico.

4 Cf. Mário de Sá-Carneiro – *Em ouro e alma. Correspondência com Fernando Pessoa*. Ed. Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Lisboa, Tinta da China, 2015.

5 Fernando Pessoa – *Ibéria. Introducción a um imperialismo futuro*. Ed. Jerónimo Pizarro e Pablo Javier Pérez López. Lisboa: Ática, 2012, p. 112. Existe tradução espanhola: *Ibéria. Introducción a un imperialismo futuro*. Traducción, introducción y notas de Antonio Sáez Delgado. Valencia: Pre-Textos, 2013.

6 Cf. Jesús Torrecilla – *La imitación colectiva. Modernidad vs. autenticidad en la literatura española*. Madrid: Gredos, 1996; *El tiempo y los márgenes. Europa como utopía y como amenaza en la literatura española*. Chapel Hill, 1996; *España exótica: la formación de la imagen española moderna*. Society of Spanish and Spanish-American Studies, 2004; *La actualidad de la generación del 98 (algunas reflexiones sobre el concepto de moderno)*. Mérida: Editora Regional de Extremadura, 2006.

Por conseguinte, noutros textos recentes⁷ tenho enfatizado a possibilidade de que o campo das Literaturas Ibéricas possa ser estudado, no período modernista, como um polissistema plural e múltiplo no qual possam concorrer os apoiantes e críticos da Modernidade e da Vanguarda, com propostas estéticas e discursos teóricos que frequentemente alcançam uma dimensão que ultrapassa as fronteiras das suas literaturas nacionais, para alcançar uma dinâmica de receção/produção plenamente ibérica. Se a esta proposta geocultural, também com base na necessidade de colocar em diálogo ativo (daí a relevância do referencial teórico proposto pela teoria de polissistemas) produtores, mediadores e recetores de teorias e tendências literárias, adicionarmos a possibilidade de voltar a reler a «tradição da rutura» de Octavio Paz como marco ideológico que, voltando às bases românticas, matiza a capacidade de rutura da Vanguarda histórica e defende o seu papel na formação de uma nova tradição – a da plena modernidade, temos as bases suficientes para nos aproximarmos de uma proposta de história literária comparada do Modernismo ibérico.

Esta proposta, que explicamos agora de forma resumida, parte da compreensão da categoria periodológica Modernismo, como um *continuum* de rutura heterogénea, plural e múltipla, mas sem cortes e fluxos radicais e refluxos estéticos que cruzem as fronteiras das literaturas nacionais, portuguesa e espanhola. Então, se aplicarmos ao contexto peninsular, com alguma relativização, as datas propostas por Bradbury e McFarlane como balizas essenciais para o período modernista, encontramos datas fundamentais que nos ajudam a definir com mais precisão o nosso objeto de estudo. O ano de 1890, nas histórias da literatura, é marcado pela publicação do primeiro livro declaradamente simbolista na Península (*Oaristos*, do português Eugénio de Castro), que marca uma inflexão importante na evolução da nova estética em Portugal (e não apenas em Portugal, porque a sua presença e influência foi muito importante na Espanha e na América Latina), propondo uma autêntica revolução do aparato formal do lirismo lusitano. O surgimento do Simbolismo em solo peninsular, que emerge como um passo em frente face aos postulados realistas e naturalistas, é uma mudança fundamental do ponto de vista estético e ideológico na nossa literatura, começando a tomar forma um processo de raiz romântica que irá dar os seus frutos durante as três primeiras décadas do século XX e que verá radicalmente modificadas as suas circunstâncias externas e internas com a explosão da Guerra Civil Espanhola, momento que consideramos o ponto final do segmento temporal objeto da nossa abordagem.

⁷ Cf. Antonio Sáez Delgado – «Relaciones literarias entre Portugal y España (1890-1936): hacia un nuevo paradigma». 1616. *Anuario de Literatura Comparada*. Revista de la Sociedad Española de Literatura General y Comparada. Salamanca, Ediciones de la Universidad de Salamanca, 2014, vol. 4, p. 25-45; «El laberinto del modernismo y la vanguardia en la Península Ibérica: dramatis personae luso-español». *Revista de Filología Románica. Anejo IX. Literaturas ibéricas: teoría, historia y crítica comparativas*. Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense, 2015, p. 133-142.

Entre 1890 e 1936 encontramos vários momentos de viragem fundamental no decurso do *continuum* descrito, que usamos como pontos de referência úteis para rastrear os prazos necessários para uma abordagem histórica do diálogo entre as duas literaturas nacionais em causa. Assim, com um sincronismo óbvio, encontramos pelo menos três pilares sobre os quais construir o contínuo heterogéneo do Modernismo ibérico periodológico:

- i) o do Simbolismo Português e do Modernismo espanhol – com clara vocação cosmopolita e aberta – em paralelo com a presença de grupos ou escolas mais céticas e atentas às suas próprias convicções nacionais, como os saudosistas portugueses ou membros da geração de 98 na Espanha;
- ii) o que foi protagonizado pelo surgimento do primeiro Modernismo Português (ligada à revista *Orpheu*, de 1915) e da Vanguarda histórica espanhola (com um papel-chave no Ultraísmo, em 1918);
- iii) o do surgimento de uma «segunda geração» modernista ou vanguardista, indo além do radicalismo da primeira, com o segundo Modernismo português da revista *Presença* e a geração poética de 27.

Atravessando quase todo o meio século proposto e tendo como linhas sincrónicas fundamentais as três já mencionadas, podemos avançar por um território que, visto de uma perspetiva ibérica, nos reserva muitas surpresas:

- i) a assimilação da proposta simbolista de Castro em Espanha, paralela, pela sua importância, à proposta modernista de Rubén Darío;
- ii) as tensões causadas entre os adversários da «estrangeirização» que o Simbolismo e o Modernismo acarretavam, com paralelos óbvios entre os partidários da geração de 98 e os saudosistas (e com a importação do sentimento saudosista representado por Teixeira de Pascoaes em sistemas literários como o catalão e o galego ou, ainda, o espanhol);
- iii) o importante trabalho de mediação ibérica cultural realizado por Miguel de Unamuno, como eixo fundamental dos contactos e relações entre os escritores dos dois países;
- iv) as experiências de caráter ibérico, em voga nos anos 20, de autores ligados à Vanguarda, como Ramón Gómez de la Serna ou José de Almada Negreiros, paralelamente ao ainda pouco explorado Pessoa, numa lógica de um possível imperialismo cultural ibérico;
- v) a pura sincronia estabelecida pelos presencistas e pelos poetas de 27 como representantes de uma nova vanguarda que assume o seu próprio papel na tradição da Modernidade, cujo diálogo ibérico (liderado pelas revistas

literárias *Presença* e *La Gaceta Ibérica*), que apenas se viu truncado pela crescente radicalização ideológica de alguns dos seus principais autores (refiro-me a Giménez Caballero).

Tudo isso, na verdade, aparece como uma cadeia diversificada de pequenas tensões e ruturas que nunca rompem o cordão umbilical da sua clara – ainda que heterogénea – filiação moderna, bem visível ainda no caso de propostas que inauguravam a época do fervor vanguardista na Península com o primeiro Modernismo Português e o Ultraísmo espanhol, pois é justo reconhecer que no número inaugural do *Orpheu*, em que Álvaro de Campos publica «*Opiário*» e «*Ode Triunfal*» e onde Fernando Pessoa faz o mesmo com «*O Marinheiro*», encontramos também o Modernismo pleno de contrastes dos poemas de Mário de Sá-Carneiro ou a veia simbolista-decadente dos poemas de Alfredo Pedro Guisado ou Côrtes-Rodrigues. E algo semelhante acontece na revista que viu o nascimento do Ultraísmo espanhol, a sevilhana-madrilena *Grecia*, onde os primeiros textos teóricos e as primeiras manifestações de Vanguarda partilham as páginas com os epígonos modernistas e, na capa, com um claro frontal de inspiração Rubensiana, que seria progressivamente modificado até se adaptar à nova estética. Trata-se, definitivamente, da convivência ativa e geradora da tensão estética (e ideológica), entre as duas linhas que Jorge de Sena⁸ referiu como as componentes dialéticas do Modernismo português (o Pós-simbolismo e o Vanguardismo), totalmente válidas também no literatura espanhola da época e no campo de forças gerado no polissistema ibérico, cuja validade se mantém, sob diferentes formas, ativa durante as primeiras quatro décadas do século XX.

II

Como é bem conhecido, o campo de batalha preferido pelos autores modernistas e vanguardistas foi aquele que se formou pelas revistas literárias, transformado em embrião e estandarte dos seus princípios estéticos. Associamos o primeiro e segundo Modernismo português a duas revistas (*Orpheu* e *Presença*), enquanto, do lado espanhol, não é possível falar do Ultraísmo sem referir *Grecia* ou *Ultra*, assim como não podemos pensar a geração de 27 sem ir às páginas de *La Gaceta Literaria*. A sua importância no momento da Vanguarda histórica era tal que, dada a escassez de livros individuais, é, de facto, praticamente impossível reconstituir a história dos movimentos de vanguarda espanhóis sem o eco dos textos publicados nas suas revistas.

⁸ Jorge de Sena – *Poesia do século XX (de Thomas Hardy a C. V. Cattaneo)*. Porto: Inova, 1978, p. 85.

Efetivamente, o caráter heterogéneo de continuidade que defendemos como marca inconfundível do Modernismo ibérico é não só evidente na diacronia que algumas de suas principais publicações apresentam, avançando às vezes aos tropeços sobre as ruínas da própria Modernidade a fim de perseguir o fantasma do «Novo». É possível, até, depararmo-nos, numa publicação periódica de carácter literário, de forma tão nítida e em sincronia não só com o caráter de continuidade da estética de rutura desenhada através dos diferentes «ismos», escolas e movimentos que compõem o mosaico modernista, como também, e ao mesmo tempo, a radical abertura a conceções ideológicas contrárias e geradoras dessa tensão ideológico-estética que apresentamos como uma das marcas mais genuínas e profundas do Modernismo ibérico.

A partir desta perspetiva, o caso da lisboeta *Contemporânea* (1922-1926, embora com espécime em 1915), é de fundamental importância pois nela convergem vários dos componentes estéticos e ideológicos (mesmo do ponto de vista político) que agitam o pano de fundo do Modernismo peninsular. Herdeira da vocação de *Orpheu* e da sua «onda modernista»⁹ (nela publicam, juntamente com outros nomes, três autores principais: Pessoa, Sá-Carneiro e Almada Negreiros), ainda que nunca entregues claramente à Vanguarda, a *Contemporânea* albergou também nas suas páginas mostras significativas da escola saudosista de Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra e textos simbolistas e pós-simbolistas de Eugénio de Castro e epígonos, construindo um mapa plural genuíno com traços significativos das correntes mais importantes que estão no tabuleiro do jogo de literatura portuguesa moderna. Além disso, na sua linha editorial, onde tem lugar essencial uma aproximação a Espanha – principalmente na sua segunda série, entre maio de 1922 e março de 1924 – e à América Latina – na terceira série de 1926 – encontramos uma presença notável dos autores e da ideologia do Integralismo Lusitano, acrescentando uma importante componente ideológica e política a este projeto cultural, que acabaria por participar ativamente na construção do seu duplo diálogo com Espanha: por um lado, com os autores ligados à literatura de Vanguarda; por outro lado, com aqueles próximos dos círculos ideológicos monárquico-conservadores.

Noutras ocasiões¹⁰, foi sublinhada tanto a importância da revista no contexto do diálogo modernista entre as literaturas de ambos os países (nestas páginas publicam, pela parte espanhola, Ramón Gómez de la Serna ou os ultraístas Adriano del Valle e

9 A expressão é de Fernando Cabral Martins – *O Modernismo em Mário de Sá-Carneiro*. Lisboa: Estampa, 1994, p. 57.

10 Cf. Antonio Sáez Delgado – «Arquitectura de lo invisible (la sintonía de la vanguardia hispánica alrededor de *Contemporánea*)». *Anuario de Estudios Filológicos*, 18. Cáceres: Universidad de Extremadura, 1995, p. 407-422; Steffen Dix – «Anti-iberismo und Aliança Peninsular in der Zeitschrift *Contemporânea* 1922-1926». In Tobias Brandenberger; Henry Thorau, ed. – *Portugal-Spanien. Probleme (k)einer Beziehung*. Frankfurt am Main; New York: Peter Lange, 2005, p. 203-226.

Rogelio Buendía, entre outros) como a disputa que se originou dentro dela (e na sociedade portuguesa atenta à cultura) entre apoiantes e detratores de sua linha de aproximação peninsular. É, por isso, justo, destacar agora o papel que a *Contemporânea* desempenhou como catalisador da tensão ideológico-estética entre as diferentes correntes que marcaram o rumo do Modernismo na Península, com uma presença gradual de políticos ativos nas suas páginas, precedente do que irá ocorrer entre 1927 e 1932 na *La Gazeta Literaria*, outro grande projeto que contempla uma perspetiva iberista e que acabou por truncar o seu diálogo com Portugal pela progressiva ideologização impregnada pelo seu diretor, Ernesto Giménez Caballero.

Essa componente ideológica, em coexistência ativa com as diferentes estéticas presentes nas páginas de *Contemporânea*, fazem da revista um microcosmos interessante para observar a pluralidade modernista não só dentro de um contexto nacional, mas também a nível ibérico, graças à sua peculiar vocação de aliança. Porque se a revista tem sido considerada o ponto de encontro fundamental dos primeiros modernistas portugueses – com Pessoa à cabeça – e os vanguardistas espanhóis – com Gómez de la Serna em lugar destacado –, servindo como terreno fértil para os contactos entre o autor dos heterónimos e os ultraístas andaluzes Adriano del Valle, Rogelio Buendía (seu primeiro tradutor na Espanha, em 1923) e Isaac del Vando-Villar¹¹, também é verdade que, nestes números, se deu o encontro entre autores de ambos os países cuja ideologia estava longe da filosofia modernista ...

Nesta linha, é preciso lembrar que o Integralismo Lusitano esteve bem representado no projeto, através de várias colaborações, desde a sua segunda série, na qual o apóstolo António Sardinha apresentou um claro texto programático, «O pan-hispanismo». Ao lado dele (também publicou no n.º 6, no Natal de 1922, a coleção de poemas, de título significativo, «Gesta da raça») encontramos também Alberto de Monsaraz, que publicou, no número 3 da *Contemporânea*, um interessante poema em francês, «Le dancing» e, novamente, no número 6, um conjunto de poemas de filiação diferente, intitulado «Cantares». O rastro de Sardinha é especialmente significativo na revista, porque este é um dos autores que, apesar de sua morte prematura, em 1925, marcou com mão firme a ideologia integralista e a sua relação com Espanha, o que se encontra consubstanciado na sua obra seminal *A aliança peninsular* (1924), escrita após a experiência do seu exílio na Espanha, como estudou Susana Rocha Relvas¹².

O trabalho de Sardinha alcançou de imediato um eco importante entre alguns autores espanhóis, incluindo, nomeadamente, Ramiro de Maeztu, membro da geração de 98, e Fernando Gallego de Chaves Calleja, que assinou os seus livros

¹¹ Veja-se, a este respeito, a nossa obra: *Pessoa y España*. Valencia: Pre-Textos, 2015.

¹² Cf. Susana Rocha Relvas – «António Sardinha à lareira de Castela. O exílio espanhol na construção de uma identidade hispânica». In *Migrações e exílios*. Disponível em: <<https://ucp.academia.edu/susanarelvas>>.

como Marqués de Quintanar ou Conde de Santibáñez del Rio. Na verdade, o livro fundamental das teorias de Sardinha foi publicado em Espanha em 1930 e conheceu uma segunda edição em 1939 (publicado pela *Acción Española*), com um prefácio de Maeztu e tradução e um segundo prólogo do Marqués de Quintanar. Em torno destas trocas, e após a morte de Sardinha (em 1943 foram publicados postumamente os seus «Estudos peninsulares», sob o título de *À lareira de Castela*)¹³, foi-se tecendo uma relação ideológica interessante entre os princípios do Integralismo Lusitano e da *Acción Española* (1931-1936), a revista conservadora e monárquica dirigida por Quintanar, cujo círculo, desde o início dos anos 30, também se iria tornar um abrigo dos contactos espanhóis do simbolista Eugénio de Castro.

É muito interessante notar que foi em *Contemporânea*, uma publicação de estética marcadamente progressista, apesar de um certo ecletismo, e em plena efervescência modernista, que foram forjados os primeiros vislumbres dessas relações. É nas suas páginas que aparecem textos do Marqués de Lozoya (outro colaborador de *Acción Española*, que publica, no número 6 da revista, «El Monasterio»), e do Marqués de Quintanar e Conde de Santibáñez del Rio, que é, de facto, o autor espanhol que mais vezes figura, assinando quatro textos: «La emperatriz Isabel de Portugal, mujer de Carlos V» (n.º 7, jan. 1923), «El madrigal de las rosas» (n.º 9, mar. 1923), «Elegía» (s. 3, n.º 2, jun. 1926) e «Soneto apasionado» (s. 3, n.º 3, jul.-out. 1926). Quintanar é, também, o único autor espanhol que sobrevive à segunda série da revista – a mais marcadamente modernista – e aparece como colaborador na terceira, em que se percebe uma orientação ideológica mais forte.

O Marqués de Quintanar ou Conde de Santibáñez del Rio, um colaborador de *ABC* e *La Nación*, era apaixonado por Portugal e pela sua cultura, sobre a qual se debruçou em várias ocasiões, quase sempre mediado por uma visão talvez excessivamente historicista e por uma leitura em que a presença de Sardinha e dos seus postulados de aliança peninsular era definitiva. Ainda assim, é uma figura fundamental no contexto das relações estético-ideológicas entre os dois países, cuja presença ativa nas páginas de *Contemporânea* também o coloca no mapa do Modernismo mais heterogéneo. Em livros como *Portugal y el hispanismo*¹⁴ (publicado em 1920, com prefácio do Conde de Romanones), *Por tierras de Portugal*¹⁵ (1930) ou *Diálogo peninsular*¹⁶ (publicado em 1964, com prefácio de Eugenio Montes) encontramos muitas das suas preocupações políticas e culturais, compartilhadas, em boa parte,

¹³ António Sardinha – *À lareira de Castela*. Lisboa: Edições Gama, 1943.

¹⁴ Conde de Santibáñez del Rio – *Portugal y el hispanismo*. Prólogo del Conde de Romanones. Madrid, 1920.

¹⁵ Idem – *Por tierras de Portugal*. Madrid: Compañía General de Artes Gráficas, 1930.

¹⁶ Marqués de Quintanar – *Diálogo peninsular*. Prólogo de Eugenio Montes. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1964.

especialmente após a Guerra Civil, e nos anos 40, com Giménez Caballero, em *Amor a Portugal*¹⁷ (1949) ou com Eugenio Montes, em *Interpretación de Portugal*¹⁸ (1944).

Esta veia tradicionalista, católica e monárquica, em comunhão de espírito com vários dos postulados de Sardinha e do Integralismo Lusitano, foi uma das correntes ideológicas presentes (poder-se-ia mesmo dizer a mais presente) na história de *Contemporânea*, partilhando o mesmo projeto com o Modernismo, de Pessoa, Almada ou Sá-Carneiro, o Simbolismo, de Eugénio de Castro e Camilo Pessanha, ou o Saudosismo, de Teixeira de Pascoaes, paralelo ao da Vanguarda espanhola, representada por Gómez de la Serna, Adriano del Valle e Rogelio Buendía ou pelas colaborações do republicano Corpus Barga («Conferencia cubista sobre la esquizofrenia», n.º 2) ou do modernista José Francés («Estampas», n.º 3).

Este mosaico, não só estético, mas também ideológico, preenche as diferentes fases de *Contemporânea* e serve como um exemplo da heterogeneidade modernista na Península, num momento de agitação que tomou forma durante os anos 20, até marcar posições mais radicais – especialmente do ponto de vista ideológico – já nos anos 30. Nos postulados dos integralistas e dos escritores espanhóis reunidos em *Acción Española* e presentes em *Contemporânea* encontramos algumas das ideologias mais usadas e manipuladas pela cultura oficial dos regimes de Salazar e Franco, nos anos 40. Esse uso da cultura atingiu o seu auge ideológico e estético no momento em que os escritores espanhóis acompanharam o ditador Franco no seu doutoramento Honoris Causa concedido pela Universidade de Coimbra em 1949, e encontra-se plasmado em livros como o já mencionado *Amor a Portugal*, de Giménez Caballero, *Franco en Portugal. Actos y discursos*¹⁹ (1949) ou, com extensa cobertura documental e de colaboradores (Giménez Caballero, Wenceslao Fernández Flórez e Eugenio Montes, entre outros), em revistas como *Mundo Hispánico*²⁰.

A componente político-ideológica sempre foi uma das marcas definidoras da Vanguarda histórica europeia, patente em muitas das suas escolas e movimentos, e, portanto, a sua presença no plural período modernista ibérico é fundamental para compreender a sua verdadeira essência cultural. Além disso, o embrião de natureza ideológica atinge uma dimensão crítica numa Península que vê, nos anos 30, por razões políticas e sociais, matizado ou truncado o curso da sua modernização estética. Se os autores se reuniram na órbita da política oficial de Franco ou Salazar (destaco especialmente, António Ferro), retomando alguns dos tópicos lançados

¹⁷ Ernesto Giménez Caballero – *Amor a Portugal*. Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1949.

¹⁸ Eugenio Montes – *Interpretación de Portugal*. Separata do n.º 16 da *Revista de Estudios Políticos*. Madrid: Instituto de Estudios Políticos, 1944.

¹⁹ *Franco en Portugal. Actos y discursos*. Madrid: Publicaciones Españolas, 1949.

²⁰ *Mundo Hispánico*. Suplemento Especial. Madrid, noviembre 1949.

pelos seus predecessores nos postulados da aliança peninsular, é justo também reconhecer e ter em conta essa componente ideológica na germinação e no desenvolvimento do heterogéneo tempo modernista ibérico, em pleno diálogo, marcado pela convivência, como podemos ver nas páginas de *Contemporânea*, com as suas propostas estéticas mais progressistas. Abre-se aqui, em minha opinião, um dos caminhos mais interessantes e frutíferos dos futuros estudos ibéricos no campo da literatura e da época modernista, porque até agora as difíceis relações entre estas duas componentes fundamentais da aventura da Modernidade (estética e ideológica) nem sempre foram abordadas em conjunto. Vamos abrir essa porta e dispor-nos a reler a história das nossas literaturas do início do século XX, sem esquecer esse diálogo necessário para compreender o movimento modernista na sua verdadeira complexidade e profundidade.